

naudria. De que passei este termo para em todo o tempo constar da minha letra em que me assignei. Frei Leandro do Sacramento, lente."

O ponto era vastissimo; em compensação, foi sorteado de vespera... e a prova começou ás oito horas da manhã. Na linguagem dos botânicos de hoje estariam obrigados os rapazes a tratar das *gramineas*, *cyperaceas*, *iridaceas*, *dipsuceas*, *cruciferas* e *orchidaceas*.

Os dous alumnos eram, porém, estudantes da polpa; e foram ambos approvados, diz-nos o frade, com distincção, ou na linguagem da época: *Nemine discrepante*.

O nome do Visconde de Barbaena, citado na lista dos alumnos voluntarios de Frei Leandro, confirma a tradição segundo a qual o prestigio das lições do frade — era retumbante. E tambem justifica o juizo que os contemporâneos fizeram do Marquez Felisberto Caldeira Brant Pontes, militar amigo das sciencias, introductor da vaccina jeneriana no Brasil. Porque é bem de ver que só a conselho do marechal deve ter ido seu filho — o Visconde de Barbaena, acompanhar as lições de botânica. O Visconde nasceu na Bahia, em 1802. Teria assim, em 1815, treze annos, bem pouca idade para um curso de agricultura e botânica do quilate daquelle, cujo programma, em parte, se advinha pela extensão do ponto de exame acima referido. E por ser tão jovem, era ouvinte. No entanto, ao que li algures, só recebeu de facto o titulo de Visconde em 1830, por graça de Pedro I.

Eu o conheci já centenário, em 1905, cara raspada, de collarinho muito alto, sempre de preto apurando a sua velhice nos bondes em que a sua presença era notada. Não havia, no Rio, ha uns vinte e cinco annos, quem não conhecesse o Visconde centenário que apostava com o nosso amigo Dr. Caffa Preta quem sabia envelhecer com mais doaire e mais linha.

Além do curso da Academia Medico Cirurgica, Frei Leandro mantinha a sua aula popular de botânica, no Passeio Publico. Ali ao que parece, era o seu auditorio constituído pelo que de melhor havia entre os intellectuaes da corte.

Naquelle tufa de verdura, que é uma alegria e um encanto, pequeno parque de historia simples, que inspirou a Macedo uma lenda de poesia commovente nasceu o ensino das sciencias naturaes em nossa terra. A glorificação de Frei Leandro deve ser ligada a essa ephemeride brilhantissima cujo alcance a cultura dos nossos tempos bem avalia, porque o povo já não considera os seus guerreiros como sendo os inimicos cidadãos de benemerencia historica, comprehendendo que não são menores as glorias da sciencia e da arte.

O carmelita teve um companheiro na iniciativa; foi um franciscano eminentemente, o primeiro director do Museu Nacional, Frei José da Costa Azevedo. Frei Leandro do Sacramento, na Academia Medico Cirurgica e no Passeio Publico; Frei José da Costa Azevedo na Academia Militar e no Museu Nacional; o carmelita ensinando, principalmente, botânica; o franciscano, mineralogia — foram os dous grandes mestres da feliz missão. Antes de Frei Leandro do Sacramento e de Frei José da Costa Azevedo, escreveu Saldanha da Gama, nenhum brasileiro alcançou a gloria de assumir a posição de professor de botânica na cidade do Rio de Janeiro. Nem o proprio Frei Velloso, que deixou trabalhos como naturalista, sem duvida muito maiores.

Frei Leandro, além do mais, era mestre de raras prendas. Illustrava todas as suas lições com o material que o Passeio Publico lhe offerencia e tinha uma natural eloquencia simples e persuasiva, empolgante e colorida. Um dos seus ouvintes, certa vez, achou-se de tal modo transportado ao seguir a lição do carmelita, que o mestre mesmo se surpreendeu com o arrebatamento que o seu discipulo manifestava. Esse alumno voluntario era Balthazar da Silva Lisboa, doutor em direito, jurista e historiador dos Annaes do Rio de Janeiro, que, discipulo de Frei Leandro, deixou diversas memorias, algumas notaveis, de sylvicultura e botânica. O Dr. Joaquim José da Silva foi outro discipulo famoso de Frei Leandro.

As aulas do frade desdobravam-se muitas vezes, á sombra das grandes arvores do parque. Em geral, funcionavam em um pavilhão que o padre Luiz Gonçalves dos Santos (Padre Pereréca) — descreveu como sendo "muito elegante" e junto ao largo da Lapa, construído de proposito para o curso de botânica, logo depois que Frei Leandro foi investido na direcção do Passeio, pelo Governo de D. João VI.

Esse edificio deve ter sido demolido em 1841, por occasião das reformas do Passeio Publico, que todos sabem foi construcção benemerita do Vice-Rei Luiz de Vasconcellos, no local da infecta Lagoa do Boqueirão da Ajuda ou Lagoa Grande, aterrada com o morro das Mangueiras, outeiro que se erguia nos altos da Avenida Mem de Sá, junto á Santa Thereza (Morro do Desterro).

"Quem quizesse — escreveu o meu sempre lembrado e querido amigo Vieira Fazenda — quem quizesse antigamente sair do coração da cidade em busca dos sitios do Cattedo,

Carioca e Botafogo, teria de caminhar pela actual rua Chile e buscar a estrada que da Ajuda — (a Cinclandia de 1929) ia para o Desterro, hoje Evaristo da Veiga.

Ali, estreito trilho constituído pelo lado par da hoje rua Visconde de Maranguape, ia desembocar á praia, por onde se chegava até á Gloria. Esse trajecto era forçado, pois que seria impossivel atravessar a Lagoa Grande ou do Boqueirão, no lugar occupado muito depois pelo Passeio Publico."

O lindo parque surgiu de preocupações de hygiene publica, ao tempo em que o Vice-Rei Vasconcellos e Souza adoeceu da epidemia reinante, que o povo baptizou de "Lamparina", corrompendo o nome da cantora Zamperini, que por volta de 1770, em Lisboa, era coqueluche de damas e senhoras; tudo então era a "Zamperim": vestidos, penteados, adereços.

A epidemia, como a seducção da cantora, não poupava ninguém. Donde nós outros, victimas da *Hespanhola*, concluímos que devia ser uma especie do mal que os medicos chamam *Influenza* — uma vez que, por consolo, sempre dão nomes ás doenças.

O benemerito vice-rei, creador do primeiro museu de historia natural no Brasil — a Casa dos Passaros; — constructor do cães dos Mineiros — e tantas outras obras uteis, entregou a planície conquistada pelo aterro da Lagoa Grande do Boqueirão da Ajuda, ao mestre Valentim da Fonseca e Silva, architecto e entalhador, escultor dos de mais fina sensibilidade que o Brasil tem possuido. Ajudaram-no Francisco dos Santos Xavier — o *Xavier das Conchas*, artista que então compunha, com os restos dos molluscos, ornatos de toda especie, e Francisco Xavier Cardoso Caldeira — o *Xavier dos Passaros* — naturalista amator, encarregado de zelar pelo museu do Vice-Rei. o mesmo artista que entreteceu de papos de tucano o manto imperial, para o que José Bonifacio, em um documento que existe no Archivo do Museu Nacional, mandou em 1821 fossem entregues todos os tucanos menos dous, escolhendo-se os que tivessem o papo bem amarello. No trajecto do Passeio Publico construíram-se dous pavilhões: o de Appollo — decorações de Xavier das Conchas e o Mourisco, entregue á habilidade de Xavier dos Passaros. Os pavilhões não duraram muito. Parece que em 1847 e depois em 1862, outros ali se edificaram, substituídos pelos actuaes que uma inspiração superior levará, sem duvida, o Sr. Prefeito a mandar arrazar dentro em breve, para alegria dos cariocas, que não se resignam a ver o Passeio Publico suffocado pelos monstros em má hora destinados a desfigurar a ramaria solenne e acolhedora.

O carinho dos cariocas pelo Passeio Publico nunca desmereceu. Basta ver a rica litteratura que a sua historia fez repontar na penna de Mello Moraes, Macedo, Vieira Fazenda. Os naturalistas brasileiros tem mais esse motivo para bem querer ao pequeno Parque: ali nasceu, nas lições de Frei Leandro do Sacramento, o ensino publico da historia natural. Hoje, que celebramos o Mestre — O Museu Nacional convida o Instituto Historico para, juntos, erguerem, um singelo monumento commemorativo da ephemeride; seja uma inscripção recordando que a sciencia merece tudo, mórmente neste paiz que só por meio della poderá vencer as difficuldades do seu progresso. Lembraremos, então, aos nossos patrios que o tempo de progredir sem ella, — já passou. Hoje, muito mais do que no passado, os poços fortes — são os povos que sabem.

A aula do Passeio Publico tão notavel na corte, fez com que Frei Leandro fosse chamado ao Jardim Botânico. "No mez de Março de 1824, diz elle, na sua *Memoria Economica sobre a Plantação, Cultura e Preparação do Chá*, — em que tomei conta da direcção do Jardim Botânico da Lagoa Rodrigo de Freitas..."

Não nos faltam, felizmente, notas e tradições a respeito da vida de Frei Leandro no Jardim da Lagoa de Socopenapau — sem nenhum motivo chamada Rodrigo de Freitas, nome de um capitalista alienigena, que em Portugal viveu os ultimos annos e lá morreu sem deixar no Brasil o menor traço progressista.

Barbosa Rodrigues condensou, em algumas obras, o que ha de notavel sobre a actividade do frade carmelita naquelle horto. Não tenho nada mais a fazer do que resumir e commentar o que elle, autorizadamente, sobre isso nos deixou escripto.

Frei Leandro dirigiu o Jardim Botânico, durante cinco annos. Recebeu um parque de diversões; deixou um horto scientifico, que cada dia, desde então, vê augmentar a sua belleza e o seu prestigio.

A lagoa, em cuja margem se construiu o jardim, era chamada, pelos Tamoyos, *Socopenapau* — o caminho das garças (socó). Th. Sampaio ou como quer Barbosa Rodrigues: *Sapopen-ijau* — Lagoa das raizes chatas. Penso com Theodoro Sampaio; e muito desejaría ver, nos mappas da minha cidade, restaurado o nome tupi ou mesmo traduzido: Lagoa das Garças, nome evocativo, por todos os moti-